

Ressignificações do inglês como língua franca na América Latina

Telma Gimenez¹, Camila Haus² e Jacyara Nô dos Santos³

Resumo

Nesta apresentação, trazemos uma breve visão panorâmica sobre a produção de conhecimento voltada para o Inglês como língua franca (ILF) no contexto latino-americano, destacando que o crescente interesse pelo tema tem sido acompanhado de uma busca pela resignificação do papel da língua inglesa (LI) sob uma perspectiva crítica, local e decolonial. Desse modo, em contraposição à percepção inicial de baixa adesão latino-americana aos estudos voltados para o ILF (Jenkins et al., 2011), observa-se hoje, por parte de alguns/algumas pesquisadores/as latino-americanos, uma interpretação situada e politicamente engajada do conceito. Na sequência, ressaltamos que este dossiê tem como objetivo dar visibilidade a esta parcela de produção de conhecimento sobre ILF no Sul Global. A partir da contribuição desse/as pesquisadores /as, neste dossiê, os artigos reunidos propõem reflexões sobre os sentidos da LI em contextos marcados por desigualdades históricas e desafios contemporâneos.

Palavras-chave: inglês como língua franca, América Latina, resignificação, produção de conhecimento.

Abstract

This presentation offers a brief overview of knowledge production on English as a Lingua Franca (ELF) in the Latin American context, highlighting that the growing interest in the topic has been accompanied by efforts to reinterpret the role of the English language (EL) from critical, local, and decolonial perspectives. In contrast to earlier perceptions of limited Latin American engagement with ELF studies (Jenkins et al., 2011), it is possible to observe now a situated and politically engaged interpretation of the concept by some Latin American researchers. This dossier aims to give visibility to this body of knowledge emerging from the Global South. Drawing on the contributions of these scholars, the articles gathered here offer reflections on the meanings of the EL in contexts shaped by historical inequalities and contemporary challenges.

Keywords: English as a lingua franca, Latin America, resignification, knowledge production.

Resumen

En esta presentación, ofrecemos una breve visión panorámica sobre la producción de conocimiento orientada al inglés como lengua franca (ILF) en el contexto latinoamericano, destacando que el creciente interés por el tema ha venido acompañado de una búsqueda por resignificar el papel del idioma inglés desde una perspectiva crítica, local y decolonial. De este modo, en contraposición a la percepción inicial de una baja adhesión latinoamericana a los estudios sobre ILF (Jenkins et al., 2011), se observa hoy, por parte de algunos/as investigadores/as latinoamericanos/as, una interpretación situada y políticamente comprometida del concepto. A continuación, subrayamos que este dossier tiene como objetivo dar visibilidad a esta parte de la producción de conocimiento sobre ILF en el Sur Global. A partir de la contribución de estos/as

¹ Senior Professor, Universidade Estadual de Londrina. Correo: tgimenez@uel.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6143-3895>

² English Teacher, Academia de Línguas do Paraná. Correo: camila.haus@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4522-8992>

³ English Teacher, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. Correo: jacyara@ifba.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-4148-1249>

investigadores/as, los artículos reunidos en este dossier proponen reflexiones sobre los significados del inglés en contextos marcados por desigualdades históricas y desafíos contemporáneos.

Palabras clave: inglés como lengua franca, América Latina, resignificación, producción de conocimiento.

Apresentação do dossiê

Em 2011, em uma resenha publicada na revista *Language Teaching*, Jennifer Jenkins, Alessia Cogo e Martin Dewey especularam que o interesse da América Latina pelo estudo do Inglês como Língua Franca (ILF) era pequeno, provavelmente devido à presença do espanhol – outra língua franca global – na região, embora não fosse a língua oficial do Brasil. Passada mais de uma década, Sonia Morán Panero, Maritza M. Martínez-Sánchez e Glória J. Ronzón-Montiel publicaram, em 2024, a coletânea *English as a lingua franca in Latin American education*, somando-se a inúmeras outras publicações que trataram dessa perspectiva em nosso contexto (e.g., Gimenez et al., 2011, 2018; Schmitz, 2012; Duboc e Siqueira 2020), e consolidando uma mudança da centralidade europeia nas reflexões teórico-práticas sobre ILF.

De fato, a educação linguística em inglês no continente latino-americano tem sido abordada sob perspectivas críticas há muitas décadas (Gómez-Sará, 2017). Em diversos países, acadêmicos e pesquisadores na área de linguagens vêm debatendo políticas linguísticas que privilegiam a língua inglesa (LI) e invisibilizam outras línguas que fazem parte do cotidiano dos povos que aqui habitam (de Mejía, 2006; Guerrero, 2008). Essa orientação multilíngue e reconhecedora da diversidade cultural de falantes de inglês na contemporaneidade se coaduna com perspectivas de ILF. Embora as reflexões iniciais sobre o inglês que se desterritorializa tenham se difundido a partir de autores situados no continente europeu, estas se expandiram e foram enriquecidas com interpretações localizadas e contextualmente distintas daquelas que se iniciaram com preocupações formais da língua, como o interesse pelo desenvolvimento do chamado “Lingua Franca Core” (Jenkins, 1998) ou a identificação de regularidades sintáticas (Laitinen, 2020).

Jenkins (2015) apresenta um panorama da transformação dos estudos de ILF desde o início dos anos 2000, dividindo-o em duas fases que considera como “desatualizadas” (ILF 1 e ILF 2) e uma fase que ela propõe enquanto futuro do campo (ILF 3). Entretanto, acadêmicos na América Latina têm produzido trabalhos a partir de abordagens, objetivos e interpretações distintas desse movimento ILF desenvolvido tipicamente no Norte - o qual, como criticado por alguns (O’Regan, 2014; Kubota, 2014), tem um tom celebratório, ignorando ou não dando atenção suficiente a ideologias, relações de poder, discursos e desigualdades relacionadas a raça, gênero, classe e assim por diante. Alinhados às premissas do pensamento decolonial, da translíngua e das pedagogias críticas, e colocando realidades locais no centro do debate, pesquisadores do Sul Global apropriaram-se do ILF a fim de vislumbrar formas de promover práticas educativas e linguísticas menos opressivas/hierárquicas, e mais consoantes com perspectivas discursivas e plurais.

Se as implicações educacionais para a resignificação da LI estavam presentes quando o conceito começava a ganhar força dentre os pesquisadores, essas são ainda mais relevantes para quem tem a responsabilidade de tomar decisões curriculares e criar condições para a sua aprendizagem. Neste sentido, é impossível ignorar o papel dos educadores na transformação dos sentidos dessa língua e seu imbricamento com questões para além da sala de aula.

O grupo de pesquisa *Rede Brasileira de Estudos de Inglês como Língua Franca*, composto por professoras/es de diversas universidades, vem se dedicando a promover reflexões teoricamente informadas e a desenvolver estudos a partir de quadros referenciais de educação crítica,

reconhecendo a língua inglesa com seu poder simbólico e material, porém suscetível de apropriações identitárias legítimas e socialmente justas.

A organização deste dossiê cumpre o propósito de dar visibilidade a essa produção, em diálogo com outros/as pesquisadores/as na América Latina. São textos que nos convidam a repensar a língua inglesa, seja desconstruindo epistemologias coloniais, seja promovendo reflexões fundamentadas em necessidades locais. A partir do contexto brasileiro, em seu texto “ELF feito no Brasil: reflecting globally about knowledge validity in the epistemic Global South”, Fiorese explora os estudos sobre ILF no país para destacar como a intersecção do local com o global podem representar alternativas mais inclusivas e diversas. Similarmente, em “Inglês como língua franca e Pedagogia Crítica de Línguas: caminhos para a descolonização do ELI”, Siqueira propõe uma aproximação entre ILF e Pedagogia Crítica, evidenciando o papel da formação e da prática docentes no questionamento dos fundamentos do Norte Global predominantes no ensino de inglês. Considerando o contexto colombiano, o texto “English as a língua franca in Colombia: insights from an emerging field” de Mosquera Pérez traz uma análise da apropriação do conceito de ILF na Colômbia, com o objetivo de refletir sobre a reconfiguração do ensino e aprendizagem da língua inglesa no país.

Esses textos revelam o reconhecimento do pensamento latino-americano e suas reflexões epistemológicas para a conceituação do campo. Nesse sentido, a produção acadêmica brasileira tem se intensificado nos últimos anos, e apreciações sobre tais estudos fornecem um olhar sobre as contribuições das pesquisas para (re) definições do ILF e suas realizações em diferentes contextos. Por meio de uma revisão de literatura em “English as a língua franca in the Brazilian National Curriculum: a literature review (2018-2024)”, Gimenez classifica os estudos realizados a partir da inclusão de ILF como abordagem orientadora da Base Nacional Comum Curricular (Ministério da Educação, 2018) em diferentes níveis de engajamento prático: inicial, em desenvolvimento ou completo. Esta última categoria teve menos atenção dos pesquisadores e a autora sugere mais estudos sobre a realização da perspectiva ILF em sala de aula. Por outro lado, Mandarino Silva & Figueiredo, no texto “Inglês como língua franca: conceitos e práticas locais na Universidade Federal do Paraná”, apresentam uma revisão dos estudos realizados naquela universidade, concluindo que “os trabalhos engajam-se com perspectivas críticas que exploram ILF como espaço para questionar realidades e gerar movimentos de mudança.”

O engajamento com educadores constitui uma característica das pesquisadoras que contribuem com textos sobre formação docente inicial, como é o caso de Pulgarin-Pérez e González, em “ELF awareness in a Phonetics and Phonology course: exploring English language ideologies in teacher education”. Ao explorarem as ideologias de futuros professores em um curso de Fonética e Fonologia, as autoras identificaram transformações nas posições dos alunos, que adotaram visões pluricêntricas da língua, ainda que noções sobre proficiência tenham se mantido. Também em contexto de formação inicial, o texto de Rocha Alves, “Vantagens e desafios da perspectiva de ensino do ILF: o que pensam os futuros professores?”, conclui que apesar de alguns obstáculos, futuros professores se mostraram dispostos a integrar a perspectiva ILF em suas futuras práticas. Mota-Pereira, ao introduzir literatura de autoria negra como uma alternativa no ensino e aprendizagem de línguas, faz aproximações entre uma pedagogia decolonial e atitudes críticas em relação à língua inglesa. No texto “Racializando reflexões sobre inglês como língua franca: literaturas de autoria negra por uma educação linguística decolonial”, a autora justifica seu posicionamento, que evidencia interpretação da perspectiva ILF na área de ensino de literatura, algo ainda pouco estudado.

As concepções de professores atuantes foram objeto do estudo de formação continuada pelas autoras Porto, Calle e Moncada. No texto “Comprensión y uso del inglés por parte de docentes argentinos, ecuatorianos y venezolanos”, diferentemente dos estudos mencionados acima sobre formação inicial, as autoras constataram visões acríticas dos professores sobre a língua inglesa. Por outro lado, San Martín e Cad, duas educadoras argentinas, ao realizarem duoetnografia, em “English as a lingua franca in language teacher education in Argentina: unpacking teacher educators’ voices” constataram mudanças epistemológicas e pedagógicas, limitações institucionais e a coexistências de diferentes perspectivas dentro do mesmo programa, evidenciando a natureza complexa de transformações a partir da perspectiva ILF.

Por fim, complementam essas reflexões textos que abordam inglês para fins específicos e questões de avaliação. No artigo “Repensando o ensino de língua inglesa: adaptações didáticas para incorporar o inglês como língua franca no curso de LEA-NI da UESC”, Frossard e Galvão discutem os benefícios de se adotar a perspectiva ILF em materiais didáticos, com ganhos em autonomia dos alunos, ampliação da competência intercultural e maior segurança na comunicação em ambientes multilíngues. Haus, em “ELF dispositions in the classroom: rethinking ELT assessment in Brazil”, alerta para a necessidade de se incluir reflexões sobre práticas de avaliação considerando a perspectiva ILF e propõe o conceito de “disposições” como mola propulsora de transformações nessas práticas.

Em seu conjunto, esses artigos fornecem um panorama atualizado da efervescência acadêmica provocada pelo conceito de ILF em seu encontro com visões críticas sobre a LI e seu papel na reprodução ou transformação do status quo, tema historicamente enraizado em um continente marcado por hierarquizações desumanizadoras e atravessado por processos colonizadores. Dar novos sentidos a essa língua é um desafio que os/as autores/as deste dossiê aceitaram ao submeterem suas reflexões. Esperamos que estas contribuições provoquem outros/as a compartilharem as suas.

Reinterpreting English as a Lingua Franca in Latin America

Presentation of the dossier

In 2011, in a review published in the journal *Language Teaching*, Jennifer Jenkins, Alessia Cogo, and Martin Dewey speculated that Latin America's interest in English as a Lingua Franca (ELF) studies was minimal, likely due to the presence of Spanish – another global lingua franca – in the region, although it is not the official language of Brazil. More than a decade later, Sonia Morán Panero, Maritza M. Martínez-Sánchez, and Glória J. Ronzón-Montiel published the collection *English as a Lingua Franca in Latin American Education* in 2024, joining numerous other publications that have addressed this perspective in our context (e.g., Gimenez et al., 2011, 2018; Schmitz, 2012; Duboc & Siqueira, 2020), and marking a shift away from European centrality in theoretical and practical reflections on ELF.

In fact, English language education in Latin America has been approached from critical perspectives for many decades (Gómez-Sará, 2017). In several countries, scholars and researchers in the field of languages have debated language policies that privilege English while rendering invisible other languages that are part of the daily lives of the people living here (de Mejía, 2006; Guerrero, 2008). This multilingual orientation, which acknowledges the cultural diversity of contemporary English speakers, aligns with ELF perspectives. Although initial reflections on the

detritorialization of English emerged from scholars based in Europe, they have since expanded and been enriched by localized and contextually distinct interpretations – moving beyond early concerns with formal aspects of the language, such as the development of the so-called “Lingua Franca Core” (Jenkins, 1998) or the identification of syntactic regularities (Latinen, 2020).

Jenkins (2015) outlines the transformation of ELF studies since the early 2000s, dividing them into two phases she considers “outdated” (ELF 1 and ELF 2), and a phase she proposes as the future of the field (ELF 3). However, scholars in Latin America have produced work based on approaches, goals, and interpretations distinct from this ELF movement typically developed in the Global North, which – as criticized by some (O’Regan, 2014; Kubota, 2014) – often takes a celebratory tone, overlooking or failing to sufficiently address ideologies, power relations, discourse, and inequalities related to race, gender, class, and beyond. Aligned with the principles of decolonial thought, translanguaging, and critical pedagogies – and placing local realities at the heart of the debate—researchers from the Global South have appropriated ELF to envision educational and linguistic practices that are less oppressive/hierarchical and more aligned with discursive and pluralistic perspectives.

While the educational implications of redefining English were already present when the concept began to gain traction among researchers, they are even more significant for those responsible for making curricular decisions and creating conditions for learning. In this sense, it is impossible to ignore the role of educators in transforming the meanings attached to the language and its entanglement with issues beyond the classroom.

The research group *Brazilian Network of English as a Lingua Franca Studies*, composed of professors from various universities, has been committed to promoting theoretically informed reflections and developing studies based on critical education frameworks. This group recognizes the symbolic and material power of the English language while asserting its potential for legitimate and socially just identity appropriations.

The organization of this dossier aims to give visibility to this body of work, in dialogue with other researchers across Latin America. These are texts that invite us to rethink the English language, whether by deconstructing colonial epistemologies, or by promoting reflections grounded in local needs. From the Brazilian context, in his text “ELF feito no Brasil: reflecting globally about knowledge validity in the epistemic Global South”, Fiorese explores studies on ELF in the Brazilian context to highlight how the intersection of the local and the global can represent more inclusive and diverse alternatives. Similarly, in “Inglês como língua franca e Pedagogia Crítica de línguas: caminhos para a descolonização do ELI”, Siqueira proposes a dialogue between ELF and Critical Language Pedagogy, emphasizing the role of teacher education and practice in questioning the Global North’s dominant foundations in English language teaching. Considering the Colombian context, the text “English as a lingua franca in Colombia: insights from an emerging field”, Mosquera Pérez provides an analysis of the reinterpretation of the ELF concept in Colombia, aiming to reflect on the reconfiguration of English language teaching and learning in the country.

These texts reveal the recognition of Latin American thought and its epistemological reflections in shaping the conceptualization of the field. In this regard, Brazilian academic production has intensified in recent years, and assessments of such studies provide insights into the contributions of research toward (re)defining ELF and its implementations in different contexts. Through a literature review in “English as a lingua franca in the Brazilian National Curriculum: a literature review (2018–2024)”, Gimenez categorizes the studies conducted since the inclusion of ELF as a guiding approach in the Brazilian National Common Core Curriculum

(Ministério da Educação, 2018) into different levels of practical engagement: initial, developing, or complete. The latter category has received less attention from researchers, and the author suggests further studies on the implementation of the ELF perspective in the classroom. On the other hand, Mandarino Silva & Figueiredo, in the text “Inglês como língua franca: conceitos e práticas locais na Universidade Federal do Paraná”, present a review of the studies carried out at that university, concluding that “the works engage with critical perspectives that explore ELF as a space for questioning realities and generating movements of change” (our translation⁴).

Engagement with educators is a key characteristic of the scholars who contribute texts on pre-service teacher education, as seen in the work of Pulgarin-Pérez and González in “ELF awareness in a Phonetics and Phonology course: exploring English language ideologies in teacher education”. By exploring the ideologies of future teachers in a Phonetics and Phonology course, they identified shifts in students’ positions, who began to adopt pluricentric views of the language, even though notions of proficiency remained largely unchanged. Also, within the context of initial teacher education, Rocha Alves, in her text “Vantagens e desafios da perspectiva de ensino do ILF: o que pensam os futuros professores?”, concludes that despite some obstacles, future teachers showed a willingness to integrate the ELF perspective into their future practices. Mota-Pereira, by introducing literature authored by black writers as an alternative in language teaching and learning, draws connections between a decolonial pedagogy and critical attitudes toward the English language. In the text “Racializando reflexões sobre inglês como língua franca: literaturas de autoria negra por uma educação linguística decolonial”, the author justifies her position, which highlights an interpretation of the ELF perspective within the field of literature teaching—an area that remains largely underexplored.

The conceptions of in-service teachers were the focus of the continuing education study conducted by Porto, Calle, and Moncada. In the text “Comprensión y uso del inglés por parte de docentes argentinos, ecuatorianos y venezolanos”, unlike the studies mentioned above on pre-service education, the authors found uncritical views of the English language among teachers. On the other hand, San Martín and Cad, two Argentinian educators, through a duoethnographic approach in “English as a lingua franca in language teacher education in Argentina: unpacking teacher educators’ voices”, identified epistemological and pedagogical shifts, institutional limitations, and the coexistence of different perspectives within the same program—highlighting the complex nature of transformations brought about by the ELF perspective.

Finally, these reflections are complemented by texts that address English for specific purposes and assessment issues. In the article “Repensando o ensino de língua inglesa: adaptações didáticas para incorporar o inglês como língua franca no curso de LEA-NI da UESC”, Frossard and Galvão discuss the benefits of adopting the ELF perspective in teaching materials, highlighting gains in student autonomy, the development of intercultural competence, and greater confidence in communication within multilingual environments. Haus, in “ELF dispositions in the classroom: rethinking ELT assessment in Brazil”, emphasizes the need to include reflections on assessment practices from an ELF perspective and proposes the concept of “dispositions” as a driving force for transformation in these practices.

Together, these articles offer an up-to-date overview of the academic dynamism sparked by the concept of ELF and its intersection with critical perspectives on English and its role in reproducing or transforming the status quo—a theme deeply rooted in a continent marked by

⁴ Original: “os trabalhos engajam-se com perspectivas críticas que exploram ILF como espaço para questionar realidades e gerar movimentos de mudança.”

dehumanizing hierarchies and shaped by colonial processes. Re-signifying this language is a challenge the authors of this dossier have embraced in submitting their reflections. We hope these inspire others to share their own.

Resignificaciones del inglés como lengua franca en América Latina

Presentación del dossier

En 2011, en una reseña publicada en la revista *Language Teaching*, Jennifer Jenkins, Alessia Cogo y Martin Dewey especulaban con que el interés de América Latina por los estudios sobre el inglés como lengua franca (ILF) era mínimo, probablemente debido a la presencia del español -otra lengua franca global- en la región, aunque no sea la lengua oficial de Brasil. Más de una década después, Sonia Morán Panero, Maritza M. Martínez-Sánchez y Glória J. Ronzón-Montiel publicaron la colección *English as a Lingua Franca in Latin American Education* en 2024, sumándose a otras numerosas publicaciones que han abordado esta perspectiva en nuestro contexto (por ejemplo, Giménez et al., 2011, 2018; Schmitz, 2012; Duboc y Siqueira, 2020), y marcando un alejamiento de la centralidad europea en las reflexiones teóricas y prácticas sobre el ILF.

De hecho, la enseñanza del inglés en América Latina ha sido abordada desde perspectivas críticas desde hace muchas décadas (Gómez-Sará, 2017). En varios países, académicos e investigadores en el campo de las lenguas han debatido sobre las políticas lingüísticas que privilegian el inglés e invisibilizan otras lenguas que forman parte de la vida cotidiana de sus habitantes (de Mejía, 2006; Guerrero, 2008). Esta orientación multilingüe, que reconoce la diversidad cultural de los angloparlantes contemporáneos, se alinea con las perspectivas de la ILF. Aunque las reflexiones iniciales sobre la desterritorialización del inglés surgieron de estudiosos radicados en Europa, desde entonces se han ampliado y enriquecido con interpretaciones localizadas y contextualmente distintas, yendo más allá de las primeras preocupaciones por los aspectos formales de la lengua, como el desarrollo del llamado “núcleo de la lengua franca” (Jenkins, 1998) o la identificación de regularidades sintácticas (Latinen, 2020).

Jenkins (2015) esboza la transformación de los estudios sobre el ILF desde principios de la década de 2000, dividiéndolos en dos fases que considera “anticuadas” (ILF 1 y ILF 2), y una fase que propone como el futuro del campo (ILF 3). Sin embargo, los académicos en América Latina han producido trabajos basados en enfoques, objetivos e interpretaciones distintos de este movimiento ILF típicamente desarrollado en el Norte Global, que - como critican algunos (O'Regan, 2014; Kubota, 2014) - a menudo adopta un tono de celebración, pasando por alto o no abordando suficientemente las ideologías, las relaciones de poder, el discurso y las desigualdades relacionadas con la raza, el género, la clase y más allá. En consonancia con los principios del pensamiento decolonial, la translingüística y las pedagogías críticas -y situando las realidades locales en el centro del debate-, los investigadores del Sur Global se han apropiado de la ILF para imaginar prácticas educativas y lingüísticas menos opresivas/jerárquicas y más alineadas con perspectivas discursivas y pluralistas.

Aunque las implicaciones educativas de la redefinición del inglés ya estaban presentes cuando el concepto empezó a ganar fuerza entre los investigadores, son aún más significativas para los responsables de tomar decisiones curriculares y crear condiciones para el aprendizaje. En este sentido, es imposible ignorar el papel de los educadores en la transformación de los significados atribuidos a la lengua y su imbricación con cuestiones que van más allá del aula. El

grupo de investigación *Red Brasileña de Estudios del Inglés como Lengua Franca*, compuesto por profesores de diversas universidades, se ha comprometido a promover reflexiones teóricamente informadas y a desarrollar estudios basados en marcos educativos críticos. Este grupo reconoce el poder simbólico y material de la lengua inglesa, al tiempo que afirma su potencial para apropiaciones identitarias legítimas y socialmente justas.

La organización de este dossier pretende dar visibilidad a este conjunto de trabajos, en diálogo con otros investigadores de toda América Latina. Son textos que nos invitan a repensar la lengua inglesa, ya sea deconstruyendo epistemologías coloniales, ya sea promoviendo reflexiones fundamentadas en las necesidades locales. Desde el contexto brasileño, en su texto “ELF feito no Brasil: reflecting globally about knowledge validity in the epistemic Global South”, Fiorese explora estudios sobre ILF en el contexto brasileño para destacar cómo la intersección de lo local y lo global puede representar alternativas más inclusivas y diversas. Del mismo modo, en “Inglês como Língua Franca e Pedagogia Crítica de Línguas: caminhos para a descolonização do ELI”, Siqueira propone un diálogo entre ILF y Pedagogía Crítica de Lenguas, enfatizando el papel de la formación y la práctica docente en el cuestionamiento de los fundamentos dominantes del Norte Global en la enseñanza del inglés. Considerando el contexto colombiano, el texto “English as a Lingua Franca in Colombia: insights from an emerging field”, Mosquera Pérez ofrece un análisis de la reinterpretación del concepto ILF en Colombia”, con el objetivo de reflexionar sobre la reconfiguración de la enseñanza y el aprendizaje del inglés en el país.

Estos textos revelan el reconocimiento del pensamiento latinoamericano y sus reflexiones epistemológicas en la conformación de la conceptualización del campo. En este sentido, la producción académica brasileña se ha intensificado en los últimos años, y las evaluaciones de dichos estudios permiten comprender las contribuciones de la investigación hacia la (re)definición del ILF y sus implementaciones en diferentes contextos. A través de una revisión bibliográfica en “English as a lingua franca in the Brazilian National Curriculum: a literature review (2018-2024)”, Gimenez categoriza los estudios realizados desde la inclusión del ILF como enfoque orientador en el Currículo Básico Común Nacional Brasileño (Ministério da Educação, 2018) en diferentes niveles de compromiso práctico: inicial, en desarrollo o completo. Esta última categoría ha recibido menos atención por parte de los investigadores, y la autora sugiere más estudios sobre la implementación de la perspectiva ELF en el aula. Por otro lado, Mandarino Silva y Figueiredo, en el texto “Inglês como língua franca: conceitos e práticas locais na Universidade Federal do Paraná”, presentan una revisión de los estudios realizados en esa universidad, concluyendo que “los trabajos se comprometen con perspectivas críticas que exploran la ILF como un espacio para cuestionar realidades y generar movimientos de cambio” (traducción nuestra).

El compromiso con los educadores es una característica clave de los académicos que aportan textos sobre la formación inicial del profesorado, como se observa en el trabajo de Pulgarin-Pérez y González en “ILF awareness in a Phonetics and Phonology course: exploring English language ideologies in teacher education”. Al explorar las ideologías de los futuros profesores en un curso de Fonética y Fonología, identificaron cambios en las posturas de los estudiantes, que empezaron a adoptar visiones pluricéntricas de la lengua, aunque las nociones de competencia permanecieran prácticamente inalteradas. También en el contexto de la formación inicial del profesorado, Rocha Alves, en su texto “Vantagens e desafios da perspectiva de ensino do ILF: o que pensam os futuros professores?”, concluye que, a pesar de algunos obstáculos, los futuros profesores mostraron voluntad de integrar la perspectiva del ILF en sus futuras prácticas. Mota-Pereira, al presentar la literatura de autores negros como una alternativa en la enseñanza y el aprendizaje de lenguas, establece conexiones entre una pedagogía decolonial y actitudes críticas

hacia la lengua inglesa. En el texto “Racializando reflexões sobre inglês como língua franca: literaturas de autoria negra por uma educação linguística decolonial”, la autora justifica su postura, que destaca una interpretación de la perspectiva ILF en el ámbito de la enseñanza de la literatura, un área que sigue estando muy poco explorada.

Las concepciones de los profesores en servicio fueron el foco del estudio sobre formación continua realizado por Porto, Calle y Moncada. En el texto “Comprensión y uso del inglés por parte de docentes argentinos, ecuatorianos y venezolanos”, a diferencia de los estudios antes mencionados sobre educación inicial, los autores encontraron visiones poco críticas del idioma inglés entre los docentes. Por otra parte, San Martín y Cad, dos educadores argentinos, a través de un enfoque dúo-etnográfico en “English as a lingua franca in Language Teacher Education in Argentina: unpacking teacher educators' voices”, identificaron cambios epistemológicos y pedagógicos, limitaciones institucionales y la coexistencia de diferentes perspectivas dentro del mismo programa, destacando la naturaleza compleja de las transformaciones provocadas por la perspectiva ILF.

Por último, estas reflexiones se complementan con textos que abordan el inglés para fines específicos y cuestiones de evaluación. En el artículo “Repensando o ensino de língua inglesa: adaptações didáticas para incorporar o inglês como língua franca no curso de LEA-NI da UESC”, Frossard y Galvão discuten los beneficios de adoptar la perspectiva ILF en los materiales didácticos, destacando las ganancias en autonomía de los alumnos, el desarrollo de la competencia intercultural y una mayor confianza en la comunicación dentro de ambientes multilingües. Haus, en “ELF dispositions in the classroom: rethinking ELT assessment in Brazil”, subraya la necesidad de incluir reflexiones sobre las prácticas de evaluación desde la perspectiva ILF y propone el concepto de “disposiciones” como motor de transformación de dichas prácticas.

En conjunto, estos artículos ofrecen una visión actualizada del dinamismo académico suscitado por el concepto de ILF y su intersección con perspectivas críticas sobre el inglés y su papel en la reproducción o transformación del statu quo, un tema profundamente arraigado en un continente marcado por jerarquías deshumanizadoras y moldeado por procesos coloniales. Re-significar este lenguaje es un reto que los autores de este dossier han aceptado al presentar sus reflexiones. Esperamos que inspiren a otros a compartir las suyas.

Referências/References/Referencias

- de Mejía, A. (2006). Bilingual Education in Colombia: Towards a Recognition of Languages, Cultures and Identities. *Colombian Applied Linguistics Journal*, (8), 152-168.
<https://www.redalyc.org/pdf/3057/305726654008.pdf>
- Duboc, A.P., & Siqueira, D.S. (2020). ELF *feito no Brasil*: expanding theoretical notions, reframing educational policies. *Status Quaestionis*, 1, 297-331.
<https://doi.org/10.13133/2239-1983/17135>
- Gimenez, T., Calvo, L.C. S., & El Kadri, M.S. (Eds.). (2011). *Inglês como lingua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores*. Pontes.
- Gimenez, T., El Kadri, M. & Calvo, L.C.S. (2018) *English as a Lingua Franca in teacher education: a Brazilian perspective*. De Gruyter.
- Gómez, M. M. (2017). Review and Analysis of the Colombian Foreign Language Bilingualism Policies and Plans. *HOW*, 24(1), 139–156.
<https://doi.org/10.19183/how.24.1.343>

- Guerrero, C. H. (2008). Bilingual Colombia: What does It Mean to Be Bilingual within the Framework of the National Plan of Bilingualism?. *Profile: Issues in Teachers' Professional Development*, 10(1), 27–45.
<https://revistas.unal.edu.co/index.php/profile/article/view/10563>
- Jenkins, J. (1998). Which pronunciation norms and models for English as an international language? *ELT Journal*, 52(2), 119-126.
- Jenkins, J., Cogo, A., & Dewey, M. (2011). Review of developments in research into English as a lingua franca. *Language Teaching*, 44(3), 281–315.
<https://doi.org/10.1017/S0261444811000115>
- Jenkins, J. (2015) Repositioning English and multilingualism in English as a Lingua Franca. *Englishes in Practice*, 2(3), 49-85.
<https://doi.org/10.1515/eip-2015-0003>
- Kubota, R. (2014) The Multi/Plural Turn, Postcolonial Theory, and Neoliberal Multiculturalism: Complicities and Implications for Applied Linguistics. *Applied Linguistics*, 37(4), 1-22.
<https://doi.org/10.1093/applin/amu045>
- Laitinen M. (2020). Empirical perspectives on English as a lingua franca (ELF) grammar. *World Englishes*, 39, 427–442.
<https://doi.org/10.1111/weng.12482>
- Ministério da Educação. (2018). Base Nacional Comum Curricular.
basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf
- Morán-Panero, S., Martínez-Sánchez, M., & Ronzón-Montiel, G.J. (2024). *English as a Lingua Franca in Latin American Education*. De Gruyter.
- O'Regan, J. P. (2014) English as a Lingua Franca: An Immanent Critique. *Applied Linguistics*, 35(5), 533–552.
<https://doi.org/10.1093/applin/amt045>
- Schmitz, J. R. (2012). “To ELF or not to ELF?” (English as a Lingua Franca): That’s the question for Applied Linguistics in a globalized world. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 12(2), 249-284.
<https://doi.org/10.1590/S1984-63982012000200003>